



Li vros

Modiano volta a escrever uma variação da sua habitual estrutura romanesca, mas desta vez com um particular fulgor lírico

THOMAS SAMSON/AFP/GETTY IMAGES

Caderno de apontamentos

O penúltimo livro de Modiano, Nobel da Literatura 2014, é um dos mais perfeitos do romancista, no modo melancólico como reflete sobre o tempo e os seus sortilégios

TEXTO JOSÉ MÁRIO SILVA



A ERVA DAS NOITES

Patrick Modiano

Porto Editora, 2015, trad. de Carlos Sousa de Almeida, 104 págs., €15,50

Ao longo dos anos, Patrick Modiano fez do seu ofício de romancista um contínuo regresso aos mesmos temas, ideias e fantasmas, sujeitos a subtis variações. Na maior parte dos seus livros, os narradores (quase sempre chamados Jean) confrontam-se com mistérios do passado, a que tentam regressar, para os esclarecer, na maior parte dos casos em vão, porque acabam mergulhando num palimpsesto de memórias e de tempos, em que pairam, desorientados, sem perspectivas de redenção ou consolo. O fio que os conduz nesses labirintos é geralmente o rasto de

uma mulher tão marcante quanto esquiva, símbolo de um amor perdido ou de um amparo maternal que se eclipsou, devorado pelo torvelinho dos anos. Em "A Erva das Noites", a figura feminina chama-se Dannie, mas na realidade tem outros nomes e vidas, além das que revelou ao narrador nos poucos meses em que interagiram, em meados dos anos 60. É através dela, e das noites à conversa em bares mal iluminados, que Jean se aproxima de um grupo de figuras obscuras, frequentadoras do Hotel Unic, em Montparnasse. Aghamouri, Chastagnier, Duwelz, Gérard Marciano têm à sua volta

uma aura de perigo, porque nenhum deles é o que diz ser, escondem zonas de sombra, talvez crimes. Tanto tempo depois, eles formam como que uma amálgama, foram-se dissipando, "as suas silhuetas tornaram-se confusas e as suas vozes inaudíveis". Se não desapareceram de vez foi porque o narrador, na altura em que com eles se cruzou, registou os seus nomes num caderno preto, "cheio de apontamentos". É este caderno que servirá de mapa à sua investigação, ao mergulho nas memórias, tentando deslindar um momento que esconde enigmas (incluindo um homicídio) e que um inquérito policial, mais tarde, tentará esclarecer. Coexistem assim, no texto, esses dois planos temporais e um terceiro: o da atualidade, em que o narrador olha para trás e procura fazer sentido de uma dispersa e confusa acumulação de indícios, decifrando os "sinais de morse" que vêm do passado (uma das tais ideias recorrentes na ficção modianesca) e procurando "linhas de fuga" que lhe permitam penetrar através das "brechas no tempo". O caderno é essencial porque os apontamentos, mesmo na sua deriva, e no que têm de errático ou incompleto, permitem dar "coerência às imagens que saltitam a tal ponto que o celuloide da película corre o risco de romper-se". Por "celuloide da película" entenda-se memória, claro. Estamos, ainda e sempre, no campo da luta contra a erosão tremenda que o tempo provoca em tudo: nas pessoas, nos lugares (uma Paris que foi sendo demolida e reconstruída, transformando-se em outra coisa), na própria realidade dos factos. Quando as testemunhas se extinguem, extingue-se o que viram e ouviram, o que ainda lembravam. Jean é a última testemunha de um tempo, o tempo de Dannie e da malta do Hotel Unic, e como outros narradores de Modiano, luta à sua maneira contra a inevitável queda de tudo no abismo do esquecimento. Para quem conhece os romances anteriores do Nobel da Literatura 2014, não há nada em "A Erva das Noites" de surpreendente ou novo. Mas este é um dos melhores livros do escritor, um dos mais perfeitos, na sua linguagem de um lirismo em tom menor, contido, rigoroso. Um romance belíssimo e melancólico, na sua atenção permanente "às pessoas e às coisas que estão em vias de desaparecer". ●